O dilema do ensino de História nas escolas de Catalão-GO

Christiane Sousa VIANA (graduanda em História UFG/CAC)

Este estudo pretende fazer uma breve discussão sobre a formação dos professores nas Universidades, ou seja, que tipo de profissionais estas instituições estão colocando dentro das escolas. É interessante dizer que esta reflexão partiu dos próprios professores universitários, ao se depararem com a deficiência dos alunos que entram nas Universidades, desde dificuldades primárias como ler e escrever ate a interpretação de textos. No caso específico da disciplina História, há uma grande dificuldade de interpretação, a falta de intimidade com a leitura e com a produção de textos, isso sem dizer da pesquisa.

A questão que ronda os professores e da qual se trata este trabalho é a de que se os alunos estão chegando às universidades com todas estas dificuldades, não seria porque estão sendo mal preparados pelos seus professores nas escolas de ensino fundamental e médio? Mas quem forma os professores que ministram as aulas; quem prepara estes professores para ensinar? As Universidades. Se é nesta instituição que está o problema, onde os professores são formados, então é neste espaço que devemos nos debruçar em busca de caminhos ou possibilidades de caminhada.

O que alguns autores apontam é que os professores não podem ensinar nas escolas o que eles não aprenderam enquanto alunos da universidade, ou seja, como fazer pesquisa. É complicada a idéia de um historiador que se forma e não sabe fazer pesquisa mas, infelizmente, essa é uma realidade. Os professores de história das escolas de ensino fundamental e médio estão presos ao estilo de educação bitolada em livros didáticos, habituados à mera "transposição" do conhecimento, enquanto deveriam estimular seus alunos a produzi-lo.

Essa é uma questão que Thais Nívia de Lima Fonseca traz no livro *História e Ensino de História* (2006), sobre a idéia de que a produção do conhecimento está concentrada nas Universidades. E que nas escolas o que é feito é apenas a transposição, pelos professores, desse conhecimento produzido. Fonseca (2006) faz críticas a esta forma de ensino que ainda está em vigor nas salas de aula, propondo

a compreensão de como está se dando o ensino de História nas escolas, hoje. A autora traz a trajetória da História como disciplina escolar, e de como o governo se apropriou dela como arma política e como um meio de alienação das pessoas. Foi um longo caminho o que a disciplina História percorreu para se livrar do papel de transpor os conhecimentos que o governo achava necessário chegar à sociedade. A História não deveria instigar o indivíduo ao questionamento, mas condicioná-lo.

A discussão feita por Fonseca (2006) levanta a questão de como as escolas vêm ensinando hoje, no ensino fundamental e médio, a disciplina e se ela tem se diferenciado deste modo ultrapassado de pensar História. E se essa concepção de História ainda está em vigor nas salas de aula, é porque ela ainda existe também nas Universidades. Ou seja, o questionamento feito por Fonseca nos leva novamente a discussão deste trabalho.

O ensino nas escolas apresente problemas que se arrastam há muitos anos. Isso porque a Universidade tem problemas em formar os professores. Para se ter uma idéia desse dilema que o ensino de História está enfrentando, Dea Ribeiro Fenelon (1982) escreveu a este respeito há vinte e

cinco anos atrás, e suas questões são absolutamente atuais, visto ainda estão por ser resolvidas. A autora já via a raiz dos problemas da educação das escolas nas Universidades, o que mostra que esta situação permanece estática; de 1982 para hoje, nenhum grande benefício foi conseguido, não houve grandes mudanças do ensino. A discussão que Fenelon fez no artigo *A formação do profissional de História e a realidade do ensino*, duas décadas atrás é exatamente o que está em pauta hoje. É o que vem preocupando alguns professores, uma vez percebendo o grau de dificuldade dos alunos universitários.

Outra questão relevante apontada por Fenelon é a das Universidades particulares, que vem colocando na área do ensino, profissionais descompromissados e despreocupados com a formação dos alunos enquanto indivíduos sociais. Essas instituições não estão preocupadas com o perfil de profissionais que estão formando. Para ela, as Universidades particulares estão fazendo do ensino um mercado. Ela faz uma crítica ferrenha esse respeito ao dizer que:

> o sistema particular de ensino que não se propõe a ser simplesmente a fábrica de diplomas, em que se transformaram algumas escolas e procurou desenvolver um ensino

> mais conseqüente se vê a braços com sérias crises financeiras, enquanto os que optaram pela comercialização do ensino, obtém lucros extraordinários, com cursos medíocres e salas abarrotadas, explorando alunos e professores ao mesmo tempo.(FENELON, 1982, p. 13)

Fenelon fala de vários outros problemas que envolvem o ensino de História, como a falta de recursos didáticos adequados, e a carga horária dos professores. A questão da carga horária é o seu excesso, pois vários professores têm que dar aula nos três turnos pra conseguir um salário melhor. Isso implica em pouco tempo para se dedicar ao planejamento das aulas, à elaboração de novas abordagens, enfim, de preparar uma aula melhor. Se o salário pago aos professores fosse melhor, não precisariam se desdobrar em três turnos, dariam menos aulas, mas se dedicariam melhor a elas. Mas a questão financeira, não é a única responsável pelo fracasso educacional no Brasil, ela é apenas uma das questões a serem solucionadas.

O planejamento é outro fator considerado relevante pelos autores que estão trabalhando com o ensino de História. Fenelon, assim como Luiz Carlos Villata, em seu artigo *Memória, História Historiografia* (1991), apontam problemas com os

planejamentos, nos quais fica revelado um processo educativo apático, sem nenhuma participação dos alunos. Para Fenelon os planejamentos não levam em conta o tipo de aluno com o qual se está em contato; os professores mostram-se alheios à realidade dos alunos. Não apresentam interesse em saber o motivo de suas dificuldades, apenas apontam-nas. Ou seja, para esse tipo de professor, os problemas com seus alunos estão restritos às quatro paredes da sala de aula. Não consideram que muitos problemas da sala de aula, estão fora dela. Os alunos trazem para dentro das salas os problemas que têm em casa. Isso ocorre principalmente nas redes de ensino público; mais ainda nas de bairros mais pobres. Os professores com esta postura não colocam em pauta a possibilidade de ajudar os alunos com suas dificuldades; nem estão interessados em saber se podem ajudar de alguma maneira. Esse distanciamento social é uma deficiência muito grande da maioria do quadro de professores, e, diga-se de passagem, não só dos profissionais de História. Mas entendo, como estudante do curso de História, que este é um problema que os professores da nossa área têm que se preocupar, uma vez que se propõem a mudar o quadro de ensino desta disciplina.

Além disso, há o problema da pouca carga teórica dos professores de História, e a dicotomia entre prática e teoria. Villata critica essa postura, segundo ele " à precariedade e insuficiência da teoria (...) soma-se a colocação da prática num segundo plano". (Villata, 1991, p.223). O autor vai além, faz várias críticas ao ensino de História nas universidades, inclusive aos estágios oferecidos pelas nestas instituições O primeiro problema é o de que só acontecem no último ano de curso e que não beneficiam nenhuma das partes: nem os alunos, nem as escolas nas quais os estágios são feitos. O que, por sua vez, faz com que os estagiários sejam vistos com maus olhos pelos professores, que sentem seu espaço invadido e como se estivessem sendo eles avaliados.

Todos esses problemas levantados dentro das Universidades resultam em professores que tornam as aulas de História enfadonhas, chatas, resumidas a uma aula expositiva cansativa e um posterior questionário, que já vem elaborado nos livros didáticos. Essa prática está fazendo com que a maioria dos alunos não goste da disciplina, porque os professores não a tem tornado interessante; não tem desenvolvido métodos de ensino que provoquem nos

alunos o interesse pela História. É este tipo de ensino de História que vem sendo ministrado pelos professores que as Universidades vêm formando nas últimas décadas.

É necessário que as Universidades levem seus futuros professores a se conscientizarem que nas escolas também pode ser produzido conhecimento, através de pesquisas propostas aos alunos. Conscientizá-los da importância de seu papel como agente provocador do pensamento, da indagação, da curiosidade em seus alunos. Em provocar neles uma análise crítica sobre a História, principalmente a do seu país. Porque não a de sua cidade, do seu bairro, regionalizando o ensino? É evidente que o tipo de pesquisa a ser proposta nas salas de aula do ensino médio e fundamental não será o mesmo das Universidades. Nem tão pouco se pretende que o mesmo conhecimento das Universidades seja exposto nestas salas de aula. A linguagem e o tipo de pesquisa têm que ser adequado às escolas e aos alunos que a freqüentam. O importante é que haja a produção de conhecimento.

A pesquisa, não tem que se restringir às Universidades, porque elas não são detentoras exclusivas do saber. Os professores de história que

saem das Universidades para as salas de aula deveriam ter esta prática, uma vez que aprendem, ou deveriam aprender, como fazer pesquisa e como ensinar, como ministrar as aulas. Mas não é assim que está funcionando. Tanto que vários historiadores, como os já aqui mencionados, estão discutindo este problema pelo qual o ensino de História vem passando. E tentando encontrar métodos que possam modificar esse quadro.

Esse é um ponto muito relevante, porque significa que há como alterar essa situação. O texto de Villata sugere alguns caminhos para essas mudanças, inclusive em relação ao estágio. O importante, considero que já tenha sido feito, que é o fato de que alguns professores universitários tenham conseguido ver dentro das próprias Universidades a raiz deste dilema. E que estejam se propondo a encontrar um maneira de solucioná-lo. Os trabalhos destes autores que foram citados neste trabalho são reveladores de que pelo menos o problema está sendo discutido, de que alguma coisa está feita, e proposta. Muito pouco perto do necessário, mas não se pode deixar de mencionar que algo está sendo acontecendo.

Penso que compartilhar esse problema com alunos, como tem sido feito em nossas aulas de

estágio, seja muito válido e que possa contribuir de maneira significativa para o problema do ensino de História. Pois assim, os alunos ficam realmente cientes do seu papel; de que a situação chegou ao ponto que se expôs nestas linhas por falta de que seja passado aos alunos do curso, sua importância na educação. É preciso que os alunos entendam-se como agentes sociais. E isso vem acontecendo em nossas aulas de estágio. Inclusive os professores vêm elaborando uma forma de estágio que possa beneficiar as escolas que os receberão. Como disse Villata, não há um "receituário" que garanta as melhorias, até mesmo porque cada escola tem um tipo de necessidade, o que requer propostas diferentes. Mas este projeto pode ser um primeiro grande passo para uma mudança. Os alunos participarão ativamente da mudança na escola, porque vão proporcioná-la.

Além disso, ao trazer esse problema para dentro das salas de aulas das Universidades, os alunos se sentirão mais à vontade para expor seus anseios, medos e dúvidas. O receio em relação ao estágio assola os alunos desde o primeiro período, porque não sabemos como é que vai ser quando estivermos ali, frente a uma sala com 40 alunos. Não sabemos que tipo de alunos serão, enfim, as dúvidas são muitas.

Mas com esse diálogo que está sendo proposto, os alunos podem ainda não saber qual seu perfil com professor, pois cada um adquire seu modo próprio de ensinar. Mas com certeza já sabem que tipo de professores não querem ser. E esse já é um começo para que o ensino de História nas escolas tome um caminho diferente e melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BITTENCOURT, Circe m. Fernandes (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

BITTENCOURT, Circe m. Fernandes. *Ensino de História*: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

FENELON, Dea-Ribeiro. A formação do profissional de História e a realidade do ensino. *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, nº2, 1982.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e pratica de ensino de História*. São Paulo: Papirus Editora, 2003.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *História e ensino de História*. São Paulo: Autêntica, 2003.

VILLATA, Luiz Carlos. Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor de História: alternativas em perspectiva. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol.13, nº25/26, 1992/1993.